



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A VIOLÊNCIA ESCOLAR E A QUALIDADE DO ENSINO NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO BÁSICO

Erivelton Nunes de Almeida, Suzana Paula de Oliveira Pereira.

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – eriveltonalmeida@yahoo.com.br;
suzanaoliveira.advogada@gmail.com.*

Resumo: A violência nas suas diferentes faces é cada vez mais recorrente no ambiente escolar. Esse fenômeno vem trazendo à tona a necessidade de um novo olhar sobre instituições educacionais, e não deixa dúvida quanto à necessidade de se incluir este tema à grande arena de debates sobre o ensino no Brasil. O presente trabalho busca analisar os diferentes significados que o fenômeno da violência adquire em contexto da prática escolar, e qual sua influência na qualidade do ensino na educação básica. O trabalho consiste em uma pesquisa de natureza bibliográfica e análise de dados documentais. A pesquisa evidenciou que devido à complexidade das relações entre os sujeitos educacionais, a violência interfere diretamente no processo ensino aprendizagem, trazendo diversas implicações na qualidade do ensino.

Palavras-chave: Violência Escolar, Ensino, Qualidade.

Introdução

A violência é fenômeno presente em todos os recantos da sociedade, e é entendida genericamente como um ato, que pelo uso da força, vai de encontro a uma norma social, sendo assim definida por Sposito (2001, citado por Abramoway, 2002. p. 62): “A violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito”. Sposito (1998), explica ainda que a violência se concretiza com o rompimento pelo uso da força, para a autora a violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força.

Ultimamente vem se observando um aumento da violência na sociedade, e esse fenômeno vem atingindo diretamente o ambiente escolar. A violência na escola acaba por comprometer a qualidade do ensino de várias formas, como por exemplo: através da evasão escolar, da repetência, bem como, da interferência negativa nas relações entre os alunos e entre os professores e alunos. Essa situação tem preocupado bastante os pais, os alunos, os pesquisadores e principalmente os professores. Para Almeida et al (2009, p.1):

A violência tem se tornado um dos principais motivos de queixas de professores, pois, de evento esporádico, se tornou frequente na rotina da escola.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Sua recorrência preocupa e o seu enfrentamento é considerado um desafio que se impõe aos pais, educadores e autoridades.

Preocupação compartilhada por Abramovay:

A sociedade brasileira, por sua vez, vem-se deparando com um aumento das violências nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar, fato que despertou as atenções das diversas instâncias governamentais, dos organismos internacionais e da sociedade civil (ABRAMOVAY, 2003, p. 230)

Essa não é uma preocupação recente, porém Leme (2009) situa temporalmente o que ele indica como o marco inicial do crescimento da violência escolar no Brasil, segundo o autor o início dessa evolução se deu logo após a redemocratização política brasileira em meado dos anos 80. A partir desse momento histórico esse fenômeno passou a chamar atenção de forma mais incisiva dos profissionais de ensino e dos pesquisadores, haja vista as dimensões que o problema tomou.

De acordo com Guimarães (1996) A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

O problema da violência escolar chama atenção por sua gravidade, e principalmente por não ter uma resposta adequada. Vejamos como a autora espanhola Carbó se reporta ao tema, na sua pesquisa sobre violência realizada nas escolas da Catalunha:

A forma de tratamento dado ao tema pode provocar alarmismo entre alunos, professores, famílias e mesmo na sociedade, o que realimenta o debate e dificulta a implementação de respostas e ações educativas para reduzi-lo e preveni-lo. É preciso fazer, sem mais delongas, uma análise profunda do que ocorre, porque essas reações são produzidas, as formas de interpretá-las e, especialmente, as alternativas educativas a serem implementadas. (CARBÓ, 2009, p.1).

A autora explica em seu trabalho que a análise da violência na escola deve levar em consideração a complexidade do tema, e dessa maneira ser tratada de forma mais aprofundada. Preocupação compartilhada por Eyng et al (2009) que ao conduzir o entendimento sobre a escola, afirma que a compreensão das representações no contexto escolar tem diversas e complexas significações.

Segundo Boneti (2009) tratar violência como algo determinado pode atrapalhar sua compreensão. Dessa forma o autor procurou ampliar a definição de violência, relacionando-a melhor com o contexto social, cultura e histórico que ela é percebida. Sob as perspectivas dos autores escolares (alunos, pais, professores...)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Estudos científicos nas mais variadas áreas e políticas públicas específicas tem se voltado para, além de entender esse fenômeno, preveni-lo. No entanto essas ações não têm se mostrado tão eficazes. A escola como parte desse contexto social não está livre da problemática da violência. O que evidencia a necessidade de se aprofundar as pesquisas em torno da temática.

Para isso realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa de natureza bibliográfica, cujo o objetivo foi analisar de forma descentrada os significados de violência escolar e sua interferência na qualidade do ensino. Partimos do pressuposto que o termo violência possui diversos significados, que dependem do contexto histórico e de capacidade de interpretação. Tornando-o assim um conceito polissêmico, e que sua relação com a qualidade de ensino e uma relação complexa.

Violência Escolar

Por estar inserida no meio social a escola não fica imune ao fenômeno da violência. Além disso a escola é uma instituição que agrega diferentes grupos voltados para objetivos em comum e que, para atingi-los se organiza em torno de regras que devem ser acatadas, o que a princípio já evidencia conflitos de interesses. A escolar na verdade tem uma relação de inter-retroação com a sociedade, modificando-a e sendo modificada por ela.

Esse contexto torna a violência escolar um fenômeno complexo, e um fator de desagregação desses grupos, interferindo inclusive na dinâmica da escola. “A violência na escola é um fenômeno social bastante complexo. Instaurada pelo uso da força e pela quebra de diálogo, interfere diretamente no cotidiano escolar” (SANTOS e RODRIGES, 2013 p. 16).

De acordo com os estudos da professora Abramovay (2002), esse fenômeno não é tão recente, porém vem tornando-se um grave problema social: “a ocorrência de violências nas escolas não é um fenômeno recente. Este, além de constituir um importante objeto de reflexo, tornou-se, antes de tudo, um grave problema social” (ABRAMOVAY 2002. p 12)

O poder legislativo não está inerte com relação ao tema violência na escola, é tanto que analisando a Lei de Diretrizes de Base da Educação promulgada em 1996, podemos constar que devido a sua importância a temática da violência foi contemplada como um dos temas transversais, a ser incluído nos estudos das disciplinas escolares do ensino a ver:

Art. 26, § 9º conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares de que trata o caput deste artigo. (LDB, 1996)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Porém conforme observamos o fenômeno da violência pode adquirir vários significados. Nesse sentido Eyng et al (2009) assevera que o fenômeno das violências escolar é compreendido de forma diversa pelos diferentes autores. Onde a depender do ponto de vista desse autor a violência pode adquirir mais de uma dimensão.

Entendimento corroborado por Abramovay, quando afirma que são várias as faces e formar que a violência se apresenta no ambiente escolar, senão vejamos:

... A forma e o conceito de violência varia conforme o status e o local onde está inserido o estabelecimento educacional, não sendo possível um conceito único do termo violência escolar. Aponta ainda que inicialmente essa violência estava ligada a indisciplina e a delinquência juvenil, sendo que atualmente se associa também a globalização e a exclusão social. (ABRAMOVAY ET AL, 2003)

Essa diversidade de significados em torno da expressão violência escolar pode provocar falsos consensos e direcionar políticas públicas e ações pedagógicas de forma equivocada. Inclusive no tocante a melhoria do ensino.

Para Abramovay (2013) a violência escolar pode se apresentar sobre as mais variadas formas: Agressões físicas, psicológicas, simbólicas e o *bullying* penetraram no espaço escolar de forma a causar prejuízos no processo ensino aprendizagem, e na relação professor-aluno.

Charlot, classifica a violência escolar em três espécies, a saber:

- a. Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b. Incivilidades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; e
- c. Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos. (CHARLOT IN ABRAMOVAY, 2003)

Já Debarbieux (1996), quando trata de violência escolar classifica-a em três espécies:

1. os crimes e delitos tais como furtos, roubos, assaltos, extorsões, tráfico e consumo de drogas etc., conforme qualificados pelo Código Penal;
2. as incivilidades, sobretudo, conforme definidas pelos atores sociais;
3. sentimento de insegurança ou, sobretudo, o que aqui denominamos. Sentimento de violência. Resultante dos dois componentes precedentes, mas, também, oriundo de um sentimento mais geral nos diversos meios sociais de referência.

Do mesmo modo são vários são os fatores que influenciam na violência escolar. Para Dabarbieux (2002) a identificação dos fatores de que influenciam a violência escolar se torna bastante importante, porém devem ser analisados de uma forma complexa, tendo em vista que as variáveis pessoais e familiares não são determinantes



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para causar esse fenômeno. Fatores psicológicos de ordem interna, por exemplo, podem influenciar bastante para a ocorrência da violência.

As causas de violência escolar mais apontadas por essa autora são: desestruturação familiar; a violência doméstica; baixa estima; pouca perspectiva de desenvolvimento futuro, inclusive provocado pela exclusão social; as variáveis da escola; o fracasso escolar; as características de personalidade; a organização social da comunidade; a influência dos grupos de pares e as condições sócio demográficas da população escolar.

Corroboram com esse entendimento os pesquisadores Rodrigues e Santos (2013) ao afirmarem que os fatores familiares, psicológicos, econômicos, sociais e circunstanciais devem ser considerados no comportamento das vítimas e agressores. Entretanto, não devemos trata-los de maneira deterministas. Não havendo, portanto, uma causalidade linear, que implique de forma imediata em uma relação causa e efeito. Na verdade, temos vários fatores que podem, juntos desencadear a violência escolar, mas nenhum deles é determinante.

Delineando o significado de qualidade

Da mesma forma que o conceito de violência escolar não pode ser algo fixo, o significado de qualidade também não deve ser algo pré-determinado. Segundo Lopes (2012), o sentido que se dá ao termo qualidade não pode se revestido de algo fixo e determinado, mas sim construído através de relações hegemônicas que se tornam temporariamente universais, ou seja, são significados construídos por um jogo precário de linguagem, que representa uma demanda de um determinado grupo, em um determinado momento histórico.

Para a autora esses processos de significados são provisórios e dependem de uma negociação desses sentidos. Os sentidos dependem ainda do contexto histórico, político, cultural e também do autor que, ao interpretar o termo poderá lhe dar novos significados. Os conceitos, na verdade, são acordos garantidos por uma relação hegemônica que, provisoriamente, definem o significado das expressões.

Desse modo, utilizando-se de Laclau, citado em Lopes (2012), podemos afirmar que o significado de qualidade do ensino é um significante vazio, pois o preenchimento do sentido de qualidade dependerá de demandas atuais de um grupo que politicamente pretende homogeneizar, mesmo que temporariamente, o significado que melhor se adequa aos seus interesses, tornando assim híbrido o conceito de qualidade, ou seja, um conceito construído a partir de uma mescla de tendências e discursos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Vejamos o que afirma Lopes e Matheus (2014), quando trata da qualidade da educação, podendo-se utilizar a mesma ideia para quando pensamos em qualidade do ensino:

São tantas as demandas sociais em relação ao que vem a ser qualidade da educação, desde aquelas sintonizadas com as condições socioeconômicas de vida até as relações interpessoais nos lugares de trabalho, que a qualidade se esvazia de significado. É por meio desse vazio, que a expressão qualidade na educação se torna capaz de aglutinar diferentes demandas e construir diferentes sujeitos que atuam em seu nome, contrapondo-se a uma ideia de escola sem qualidade. (LOPES E MATHEUS, 2014, p.340)

Assim, pensar no conceito de qualidade é pensar em um significado construído historicamente, que não se fixa nem no tempo, nem no espaço. Do mesmo modo que alcançar o conceito de qualidade exige relacioná-lo as demandas de um determinado grupo e a um contexto sociocultural de um determinado processo histórico.

Para Dourado e Oliveira (2009):

Compreende-se a qualidade com base em uma perspectiva polissêmica, em que a concepção de mundo, de sociedade e de educação evidencia e define os elementos para qualificar, avaliar e precisar a natureza, as propriedades e os atributos desejáveis de um processo educativo de qualidade social. (DOURADO E OLIVEIRA, 2009, p.202)

No entanto concordamos com Dourado e Oliveira (2009), que entendem que é fundamental estabelecer a definição, dimensões e fatores de qualidade a serem considerados como referência analítica e política no tocante a melhoria do processo educativo, visando produzir uma escola de qualidade socialmente referenciada.

Diante do que já foi discutido até aqui não há como desassociar o fenômeno da violência escolar a qualidade do processo de ensino/aprendizagem.

Violência escolar e qualidade do ensino

Considerando que o processo ensino/aprendizagem é algo relacional, ou seja, depende de uma interação entre os autores educacionais não podemos desconsiderar a violência escolar como algo. Para Teixeira (2014), a profissão docente comporta um forte envolvimento humano, exigindo condições adequadas para se realizar, incluindo nessas condições a tranquilidade .

Se considerarmos o processo ensino aprendido como algo mais amplo que o fato de transmitir conhecimento, e entendermos como um



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

processo com objetivos educacionais complexos, que tem também como objetivo a socialização do aluno, ficará evidenciado que um ambiente onde não se mantém uma ordem não é capaz de desenvolver-se de forma eficaz e com qualidade.

Alguém poderia replicar estas afirmações, argumentando que se vai à escola para aprender; uma coisa não só certa, mas básica. Não devemos esquecer, contudo, que o aprendizado e o ensino se produzem num cenário institucional, regulado por convenções e regras sociais, que assinalam quais são os papéis que cada um tem que desempenhar. (ORTEGA, 2002, p. 18)

Evidente que um ambiente violento e inseguro vai gerar relações interpessoais fragilizadas e contribuirá para surgimento de vários conflitos. A escola como indutora do processo ensino aprendizagem deve ter uma identidade voltada para além do aprendizado de conteúdos, para o aprendizado de valores, que levem a tolerância e o reconhecimento e respeito a diversidade.

As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola-lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, no reconhecimento da diversidade e na herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas situações repercutem sobre a aprendizagem e a qualidade de ensino tanto para alunos quanto para professores. (ABRAMOVAY, 2002, p. 12)

Porém segundo (Grisay, apud Debarbieux, 2002), a solução para os problemas de violência não reside na instalação de sistemas de segurança de alto desempenho, mas sim na introdução de fatores organizacionais na própria escola. Um dos fatores determinantes para a diminuição da violência seria fomentar uma melhor relação entre professores e alunos.

Outra sugestão indicada pela autora é a realização de avaliações mais regulares do nível de violência, de modo a permitir medidas mais apropriadas tanto de prevenção quanto de repressão. De acordo com a autora não há dúvida de que os fatores ressaltados acima contribuam para incentivar um clima escolar mais positivo, um ambiente seguro e um ensino de melhor qualidade.

Considerações finais

A violência escolar é um reflexo da própria realidade social em que os indivíduos alunos estão inseridos. São vários os fatores que influenciam violência na escolar tornando-a um fenômeno social complexo, multidimensional e inter-retroativo

Utilizando-se da concepção pós-estruturalista não podemos partir de um conceito fixo de violência, pois dessa forma estaríamos desconsiderando os significados atribuídos pelos diversos grupos sociais inseridos nesse contexto. Por isso levamos em consideração que o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

termo violência é um significativo vazio, a ser preenchido no contexto da prática escolar.

Porém fechando temporariamente esse conceito, e utilizando-se de um referencial teórico moderno, observamos que a violência em suas mais variadas faces tem atingido consideravelmente o ambiente escolar.

Analisando a relação entre essa violência e qualidade de ensino, expressão também polissêmica e flutuante, percebemos que os conflitos geradores dessa violência interferem negativamente na qualidade do processo ensino aprendizagem, isso porque o processo de ensino é um processo inter-relacional, dependendo de uma boa relação entre os atores escolares, ou seja, para uma boa qualidade do ensino se faz necessário um ambiente tranquilo e cooperativo.

Após essas observações sugerimos que se é primordial o uso de ferramentas alternativas para lidar com esse problema, que não é só da escola, mas de toda sociedade. Principalmente a empoderação por parte dos profissionais da educação de conhecimentos e estratégias para lidar com esse fenômeno.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et al. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.140, de 26 de junho de 2015. **Dispõe sobre a mediação entre particulares como meio de solução de controvérsias e sobre a autocomposição de conflitos no âmbito da administração pública**. Diário Oficial da União, Brasília, 29 jun. 2015.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. B. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

CHRISPINO, A. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Ensaio: aval.pol públ.Educ. vol.15 no.54 Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2007

GUIMARÃES, A.M. **A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambiguidade**. Campinas: Autores Associados, 1996a.

MENESES RODRIGUES, Paula Janaina, MAC COLE TAVARES SANTOS, Jean, **O diálogo como possibilidade de mediação da violência na escola Práxis Educativa (Brasil)** 2013, 8 jan/jun : [Fecha de consulta: 25 de febrero de 2016]



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89427917012>> ISSN 1809-4031.

NEVES, A. **Relação Escola-Aluno-Família. Educação Intercultural: Uma perspectiva Sistêmica.** Porto: Alto Comissário para a Emigração e Minorias Étnicas, 2004.

ORTEGA, Rosário et al. **Estratégias educativas para prevenção das violências;** tradução de Joaquim Ozório – Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes, in Abramoway. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** In: Revista da Faculdade de Educação da USP Educação e Pesquisa. São Paulo: USP, v. 27, n.º 1, pp. 87-103, jan./jun. 2001.

TORREGO, J. C. **Mediação de Conflitos em Instituições Educativas.** Manual para Formação de Mediadores. Porto: Edições ASA, 2003

CARBÓ, Maria Jesus Comellas. Una reinterpretación de la violencia em las escuelas. Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p. 471 – 439. 2009

CUNHA, Jorge Luiz da; PACHECO, Cláudia Regina Costa. Violência, cidadania e disciplinamento. Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p. 557 – 569. 2009

DANI, Lúcia Saete Celich. Conflitos, sentimentos e violência escolar. Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p 571 – 586. 2009

EYNG, Ana Maira; GISI, Maria Lourdes; ENS, Romilda Teodora. Violências nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p. 467 - 480. 2009

GARCIA, José. Indisciplina e violência nas escolas: algumas questões a considerar. Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p. 511 – 523. 2009

LEME, Maria Isabel da Silva. A gestão da violência escolar Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p. 541 – 555. 2009

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p. 524 – 536. 2009

MACEDO, Rosa Maria de Almeida; BONFIM, Maria do Carmo Alves. Violências na escola. Revista Diálogo Educacional, v9, n 28, p. 605 – 618. 2009

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Ministério da Educação. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da educação Básica**. Brasília:MEC/SEB, 2009,

DOURADO, Luiz Fernando; OLIVEIRA, João Ferreira. **A qualidade da educação: perspectivas e desafios**. Cad. Cedes, Campinas vol. 29, n.78, p 201 – 2015, maio/ago.2009.

FRANCO, Creso; ALVES, Fátima; BONAMINO, Alicia. **Qualidade do ensino fundamental: políticas, suas possibilidades, seus limites** Educação & Sociedade, Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas. vol. 28, núm. 100, pp. 989-1014. 2007

LOPES, Alice Casimiro. **A qualidade da escola pública: uma questão de currículo?** In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio et al. (Org.). **A qualidade da escola pública no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 13-29

LOPES, Alice Casimiro; MATHEUS, Daniele dos Santos. **Sentidos de qualidade na política de currículo (2003 – 2012)**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 39, n2, p 337 – 357. abr/jun. 2014

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira.; GOMES Romeu.; MINAYO, M. C. de S. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; OLIVEIRA, Maria Betânia de. **Contexto escolar e sentidos de educação de qualidade para o ensino médio**. Educação Unisinos, v. 20, n 1, p39 – 47, jan/abr. 2016

TEIXEIRA, Ines Assunção de Castro. **A qualidade das escola pública: as condições de trabalho e a condição docente (Reverberações do pensar)**. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio et al. (Org.). **A qualidade da escola pública no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 119 - 138